

o homem e o mundo

IDADE, VIDA E CULTURA

EVARISTO DE MORAES FILHO

SEMPRE que uma pessoa mais velha se vê em sérias dificuldades para responder ao argumento de outra mais moça, apela fatalmente para o seu último cartucho, que é a diferença de idade, a experiência que a vida lhe ensinou, e assim por diante. E com isso, dá por terminada a discussão, como num *credo quia absurdum*. Faz da vida o melhor e o maior dos argumentos, como se simplesmente viver fizesse de alguém mais sábio e mais lógico; como se a vida, como já lembrou Nietzsche, pudesse servir de argumento para alguma coisa, porque dentro dela tanto se encontra a verdade como o erro, o vício e a virtude. A vida é neutra, não vale por si só como prova decisiva contra isso ou a favor daquilo. A confusão é geral e o contraditório aí se aconchega a cada passo. Nela, querendo, tudo se descobrirá e todas as teses encontrarão plena justificativa.

No seu livro de autobiografia, confessa Keyserling que a maior parte do que ele leu e aprendeu a respeito da vida e dos conhecimentos humanos o fez de 21 a 23 anos de idade, época em que terminou o seu doutorado, com um trabalho sobre geologia, época em que terminou o seu doutorado, com um trabalho sobre geologia. Depois disso, limitou-se a desenvolver os princípios gerais e a concepção filosófica adquiridos.

É o que se passa com cada um de nós. Tenho a impressão que o homem, em face da vida, é como o casulo que se transforma em borboleta. Há sempre, nos primeiros anos da puberdade até ao término da adolescência, uma tarefa de coleta de material. Observa-se, sente-se, experimenta-se, conclui-se, até que um dia dá-se a ruptura do último obstáculo, cristaliza-se todo o caos de sensações até então existente: é a descoberta da vida. Realiza-se, então, a concepção do mundo e da vida, já agora sem deslumbramentos e sem surpresas. Significa isso que o plano já está acabado e o próprio viver, filosoficamente classificado. É como quem faz uma ficha, e aí se coloca um adjetivo final. Poucas vezes se voltará atrás para retificá-lo.

Tão intensa e dramática é esta tomada de posição que os psicólogos franceses chamam a adolescência de *l'âge ingrat* e que Stanley Hall, o psicólogo norte-americano que publicou o primeiro livro no mundo sobre o assunto, em 1904, acreditava estar em presença de um verdadeiro segundo nascimento do indivíduo, com os mesmos choques, traumatismos e perigos. Todas as forças, fisiológicas e espirituais, entram numa crise criadora que vai determinar uma nova síntese, definitiva, da personalidade. Este, a meu ver, o momento decisivo de todo o futuro.

É no fim da adolescência que se conclui a opinião permanente, a *Weltanschauung*, que nunca mais abandonará o homem até o fim dos seus

dias. Dificilmente alguma coisa, de boa fé, lhe fará mudar de rumo, já que o vivido até então lhe permite antecipar tudo o mais que lhe possa acontecer. O que importa são os conceitos gerais, como envólucros gigantescos, que serão preenchidos mais tarde por um sem número de casos concretos miúdos, de todas as horas. Isto é, quando se valoriza a vida, leva-se em conta todos os elementos que já se sabe que existem, e como a vida é uma rotina, o que importa é a capacidade de viver e não a vida só.

Nas máximas finais do *Man and Superman*, escreveu Bernard Shaw estas terríveis palavras, que bem confirmam o que aqui se diz: "Os homens são sábios em proporção, não de sua experiência, mas sim de sua capacidade para a experiência. Se pudéssemos aprender por mera experiência, as pedras de Londres seriam mais sábias do que ninguém na cidade". Esta frase assemelha-se à proferida por Loti: "se as viagens ensinassem, os marinheiros seriam os mais sábios dos homens".

Significa isto tudo que o homem tem a idade da sua inteligência e da sua cultura. Como atribuir idade aos defectivos, aos loucos, aos imbecis? E os retardados? Para estes a vida é um diabólico instrumento de aturdimento e de confusão, quanto mais vivem, mais regredem e menos aprendem. São como os fracos da visão, quanto mais luz, mais cegueira. Por outro lado, quem caminha no erro, faz do tempo o maior aliado no aperfeiçoamento do seu engano, como alguém que aprende a nadar com defeitos e que os vai cristalizando cada vez mais com a prática.

Ninguém precisa ter noventa anos para discutir com um velho dessa idade. Basta ter lido os livros que esses velhos escreveram para adquirir a sua experiência, ou melhor, a capacidade da sua experiência. Se alguém fosse esperar ter alcançado uma certa idade avançada para só então concluir sobre a vida, morreria sem nunca ter concluído nada, como o erudito que espera eternamente pelo último livro sobre sua matéria, para só então começar a escrever. O que vale é a capacidade para a vida, e desde que existe documento escrito que o homem aprende com ele. Em verdade, a humanidade em conjunto nada mais é do que o homem de Pascal, que caminha sempre e que aprende continuamente. Vê-se aí como se torna relativo qualquer conceito sobre esta questão de idade. Na cena II, ato II, do *Cid*, de Corneille, assim responde D. Rodrigo ao Conde, por lhe ter chamado de jovem presunçoso:

"Parle sans t'émouvoir.

*Je suis jeune, il est vrai; mais aux âmes biens nées
La valeur n'attend point le nombre des années"*